

## Em terra de vidente, quem é cego é quem vê: desconstrução da percepção em *Memórias de Cego*

Mariana Di Stella Piazzolla<sup>133</sup>

### Resumo

Derrida propõe-se a desconstruir, por um duplo gesto simultâneo – o da inversão do termo subordinado e o do deslocamento –, a visão como sentido que melhor expressa a compreensão da verdade do objeto na história da filosofia. Ao realizar esse movimento a partir da visão da subjetividade transcendental que conhece o mundo, Derrida depara-se tanto com o que escapa ao objeto e se manteve invisível aos olhos do vidente, quanto com a cegueira como condição de possibilidade de ver. *Memórias de Cego*, escrito ao final de sua vida à convite do Museu do Louvre, traz novamente a desconstrução da percepção que já se encontrava em *A voz e o fenômeno*, quando Derrida trabalha especificamente a contaminação na fenomenologia husserliana. Essas duas obras, sobre as quais este artigo se dedica mais detidamente e pretende relacionar, discutem o deslocamento da visão à cegueira por uma *temporização*, cujo contratempo é permeado por uma presença que não se mantém no presente vivo. Por isso, não apenas a (des)identificação a si, mas o tempo – e, nesse sentido, a recordação –, constitui um elemento importante da desconstrução ao revelar, por exemplo, o que não é visível na forma estética do desenho ou na visada do objeto intencional: um traço que é signo indicativo, que é não percepção. Se é (im)possível ver para além da vista, é sempre uma cega a visionária.

**Palavras-chaves:** Jacques Derrida; percepção; cegueira; desconstrução; fenomenologia.

### Résumé

Derrida s'applique à déconstruire, par un double geste simultané – celui de l'inversion du terme subordonné et celui du déplacement – la vision comme le sens qui le mieux exprime la compréhension de la vérité de l'objet dans l'histoire de la philosophie. En réalisant ce mouvement à partir de la vision de la subjectivité transcendante qui connaît le monde, Derrida a fait face à la fois ce qui échappe à l'objet et reste invisible aux yeux du voyant, et l'aveuglement comme condition de possibilité de voir. *Mémoires d'aveugle* – ouvrage écrit à la fin de sa vie pour être l'inviter au Musée du Louvre – reprend la déconstruction de la perception que l'on trouvait déjà dans *La voix et le phénomène*, quand Derrida travaille spécifiquement la contamination de la phénoménologie husserlienne. Les deux ouvrages, sur lesquels cet article se concentre plus longuement et vise à relier, parlent du déplacement de la vision à aveuglement à travers une *temporisation*, dont le contretemps est imprégné par une présence qui n'est pas gardée dans le présent vivant. Par conséquent, non seulement la dé-identification à soi-même, mais le temps – et, en ce sens, le souvenir – constitue un élément important de la déconstruction en révélant, par exemple, ce qui n'est pas visible dans la forme esthétique du dessin ou de la visée de l'objet idéal: un trait qui est un signe indicatif, qui est non-perception. Si c'est (im)possible de voir au-delà de la vue, c'est toujours une femme aveugle la visionnaire.

**Mots-clés:** Jacques Derrida; perception; aveuglement; déconstruction; phénoménologie.

*“Alguns preferem contemplar*

---

<sup>133</sup> Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Bacharela em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com habilitação em Licenciatura. Especialista em Desenvolvimento Local com Perspectiva de Gênero pela Organização Internacional do Trabalho. Integrante do Grupo de Pesquisa GEPS - Grupo de Estudos de Política e Subjetividades da USP. Membro dos Grupos de Trabalho da ANPOF: Raça, Gênero e Classe; e Filosofia Contemporânea de Expressão Francesa. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Um ditado popular brasileiro diz que “Em terra de cego quem tem um olho é rei”, fazendo alusão a uma hierarquia (rei) posta pela possessão de um sentido (visão), que a distinguiria dos demais (cegos). Poderíamos desdobrar a partir do próprio ditado os motivos pelos quais se elege uma propriedade – e não qualquer uma, mas a visão –, que não apenas insere uma especificidade, mas que na sua particularidade estabelece a primazia de um sentido; e que, portanto, – associação proposta pelo ditado – relaciona olhar e posição social, conferindo uma hierarquia superior ao ver. Mas não o faremos, ao menos não desta maneira: o título deste artigo já daria pistas de que nos importa aqui uma inversão.

Mais do que criticar a hierarquia conferida à visão, uma saída já é apontada “O cego pode sempre se tornar o vidente ou visionário”, diria Derrida, a respeito da sua *hipótese de vista*, em *Memórias de Cego* (DERRIDA, 2010, p. 98). A inversão atribui a visão a alguém que teria impossibilidade de ver. Inversão como contradição? A inversão atribui a visão a alguém que passou a não ter mais a carência de ver. Inversão como inclusão? O que nos importa nessa inversão já é a maneira pela qual a filosofia derridiana da desconstrução se realiza para desmontar justamente essas hierarquias.

Em um duplo gesto, a desconstrução serve-se – primeiro, se for possível considerar um gesto anterior quando ocorrem ao mesmo tempo – da inversão: “para fazer justiça a esta necessidade é preciso reconhecer que não estamos lidando com uma clássica oposição filosófica de coexistência pacífica do face a face, mas, antes, com uma hierarquia violenta” (DERRIDA, 1981, p. 41, tradução minha). Negligenciar a inversão seria ignorar a subordinação entre os pares opostos. No entanto, permanecer nesta fase responderia afirmativamente à pergunta “inversão como inclusão?”. Inverter a hierarquia nada mais seria do que manter a lógica das oposições binárias e violentamente hierárquicas, ou seja, a inclusão de um dos pares subordinados – e portanto excluído do poder – na linha de comando. Porém, como a hierarquia não foi abolida, a inversão depende ainda que um elemento do par esteja subordinado. O segundo gesto é definidor de uma nova lógica: “nós devemos também marcar o intervalo entre a inversão, que traz para baixo o que estava no alto, e a emergência irruptiva de um novo ‘conceito’, conceito do que não se deixa mais, nunca se deixou, compreender no regime anterior” (DERRIDA, 1981, p. 42, tradução minha). Esse intervalo é, para Derrida, uma abertura no espaço e no tempo. É ela que permite que uma diferença se coloque no interior da inversão para emergir um novo “conceito” e não seja estabilizada na relação de subordinação

dentre um dos elementos do par opositor. Não se trata, aqui, de uma diferença passível de ser englobada – aos moldes da crítica que o filósofo realiza à *Aufhebung* de Hegel (DERRIDA, 1973b, p. 15), mas daquela diferença que nunca se deixa compreender no antigo regime, isto é, no próprio regime no qual urge realizar a inversão. Um “conceito” outro, tão outro, que não pode ser tematizável – por isso as aspas. A desconstrução não é contradição no sentido de engendrar um terceiro termo totalizador, mas possui seus pontos de contato ao pensar a diferença, desde que, como um novo conceito não apropriável. Para marcar a distinção, inclusive, Derrida nomeia a *différence* como *différance*, substituindo o E pelo A; em português a substituição não encontra correlato e optamos por manter o termo na língua francesa<sup>134</sup>.

A *différance* pode ser encontrada na inversão proposta por Derrida quando ao cego atribui a visão – diferente daquela do vidente, ou estaria somente no âmbito da inclusão já refutada – que o possibilita ver para além da vista, “um visionário”. Uma abertura que a contradição<sup>135</sup> trouxe – pois como um cego poderia ver? –, cujo estatuto é a condição de possibilidade de ver do vidente. O apagamento da visão de cego como suporte da visão de vidente participaria da primazia do vidente narrada pela história da filosofia como a história da visibilidade enquanto saber (DERRIDA, 2010, p. 19). Para discutir essa primazia, é a visibilidade que entra de novo em cena no palco de *Memórias de Cego*, uma visibilidade enquanto invisibilidade, uma visibilidade não associada ao logos, à verdade e à metafísica.

### A visão fenomenológica husserliana

Derrida declara logo no início de *Memórias de Cego* que contará uma história ao seu interlocutor perpassando por desenhos. Desenhos que instigarão seu tema principal, o “ponto de vista”<sup>136</sup>, o que não parece estranho ao objeto. Então seu interlocutor lhe pergunta se é preciso seguir sua história escutando ou observando os desenhos, a qual Derrida responde: “ambas as coisas, uma vez mais, ou entre ambas. Fá-lo-ei observar que a leitura não procede

<sup>134</sup> Uma das formas que alguns tradutores encontraram para traduzir a substituição da vogal A na palavra francesa *différence* foi substituir também o E por A na grafia portuguesa, embora na língua francesa esta modificação não seja sentida na fala, apenas na escrita “O a da *différance*, portanto, não se ouve, permanece silencioso, secreto e discreto como um túmulo” (Derrida, 1973a). Enquanto na língua portuguesa é sentida em ambas. *Diferença* é a solução oferecida pelos tradutores Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães justificada pelo fato de melhor incorporar o impacto que o filósofo pretendia. Outra possibilidade comumente utilizada seria o termo *diferência*. Ainda, uma outra possibilidade seria trocar o cedilha por um estranho duplo s, como tentativa de manter o impacto no visual preservando o conforto auditivo: *diferensa*.

<sup>135</sup> A partir deste momento, contradição será usada com o sentido apontado no texto, de uma tensão entre dois elementos que não passam a um terceiro que os apropria, mas se abrem para uma diferença no intervalo entre eles.

<sup>136</sup> *Point de vue* em francês tem duplo sentido: ponto de vista e nenhuma vista, ponto cego, conforme atenta a tradutora Fernanda Bernardo (DERRIDA, 2010, p. 9).

diferentemente. Escuta olhando” (DERRIDA, 2010, p. 10). Isso não lembraria da famosa passagem de Sartre em que ao olhar pela fechadura percebe a presença de outrem ao ouvir passos? Como se o ouvir tomasse o lugar da apreensão do olhar, escuta-se olhando:

Estou reclinado frente ao buraco da fechadura; de repente, ouço passos. Sinto um *frisson* de vergonha: alguém me viu. Ergo-me, percorro com os olhos o corredor deserto: era um alarme falso. Respiro, aliviado (...). Longe de ter desaparecido ao meu primeiro alarme, o Outro acha-se agora por toda parte, debaixo e acima de mim, nos aposentos vizinhos (...). Se estremeço de vergonha ao menor ruído, se cada ranger dos degraus me anuncia um olhar, é porque já estou em estado de ser-visto (SARTRE, 1997, p. 355).

Ainda dentro da perspectiva fenomenológica, Derrida já teria apontado para esta formulação em *A Voz e o Fenômeno*, mostrando um *ouvir-se falar* da voz fenomênica, em Husserl, inseparável de uma visada do objeto. Tomamos o exemplo de Sartre como uma evocação da associação proposta por Derrida, tendo ciência da relação intersubjetiva em questão. Veremos que, em Husserl, ao contrário, o *escutar-se olhando* é uma proximidade a si. Com capacidade de fazer acessar a essência da coisa como uma ideação, a visão vai além da constituição de um objeto individual resultante da intuição empírica das ciências naturais e do espírito: “a intuição de essência é consciência de algo, de um ‘objeto’, de um algo para qual o olhar se dirige, e que nela é ‘dado’ como sendo ‘ele mesmo’” (HUSSERL, 2006, § 3, p. 37). Portanto, há um direcionamento do olhar capaz de perceber a essência do objeto como ele mesmo, ou seja, como uma ideação que, em vez de instituir um objeto individual, institui um objeto passível de universalização na sua unicidade imodificável, sendo ele, assim, correlato e independente de qualquer modificação do objeto no mundo<sup>137</sup>.

O olhar para o objeto é necessário não apenas para notá-lo, mas para percebê-lo na sua multiplicidade: a visada do objeto é por perfil. Não se percebe por todos os lados ao mesmo tempo. “É evidente e se pode depreender da essência da coisa espacial que um ser de tal conformação só poder ser dado, por princípio, em percepções por perfil” (HUSSERL, 2006, § 42, p. 101). Mas se os objetos no espaço estão no mundo – e são aqueles que podem ser modificados – e apenas por depreendimento de sua essência espacial podem ser perfilados, o que a percepção poderia nos dizer do objeto intencional, não espacial, ideal, a partir do perfil? O que se percebe da perspectiva fenomenológica é um vivido, ele é o próprio perfil (HUSSERL, 2006, § 41, p. 99). Então, se na visada houver vários pontos de vista do objeto, organiza-se uma

<sup>137</sup> Pressupomos aqui a separação entre este lugar – da redução – no qual é possível uma ideação de um objeto intencional em contraposição ao mundo no qual o objeto existe. Redução de modo geral pode ser definida como a suspensão de juízo sobre a existência dos objetos do mundo e a maneira pela qual os experienciamos (Cf. HUSSERL, 2006, segunda seção).

série de percepções internas contínuas de vividos que garantiriam a unidade do objeto intencional, ou seja, sua inalterabilidade diante da multiplicidade do objeto do qual é correlato. Isso ocorre por uma síntese no tempo por meio de percepções que se dão no instante do agora e seguem repetidamente: a mais antiga em relação a atual passa subseqüentemente a um passado recente, instaurando um fluxo constante (HUSSERL, 2006, § 41, p. 98).

Já havia, parcialmente, na obra de Husserl, a necessidade de uma síntese para o conhecimento do objeto, descrita por Carlos Alberto Ribeiro de Moura como uma “síntese total de uma série de percepções [que] representa um aumento de conhecimento frente a cada membro isolado dessa série” (MOURA, 1989, p. 143, interpolação minha), antes da síntese temporal exposta em *Ideias I* (2006). Segundo Moura, o conhecimento, para Husserl, não poderia se dar somente com o “mero visar”, mesmo quando tratado em *Investigações Lógicas* (1975), pois ali precisaria ainda de uma *plenitude*, isto é, um algo novo que seria dado pelo membro intuitivo no preenchimento da unidade entre intenção intuitiva e intenção signitativa no momento em que a consciência se volta para o objeto por meio do olhar (MOURA, 1989, p. 143). O peso dado à intenção intuitiva acarreta várias consequências para a filosofia husserliana, a qual Derrida depois se apoia para trabalhar sua desconstrução, apresentada no próximo tópico. Pois, para que houvesse unidade entre intenção intuitiva e signitativa, foi preciso fazer da última apenas uma indicação ao objeto. Isto quer dizer que para além das determinações do objeto trazidas pela intenção intuitiva, existiriam vários elementos co-visados na representação signitativa vazia (HUSSERL, 1975, p. 66-67) que precisam ser extraídos para assegurar o modo de acesso direto ao objeto visado. Derrida encontra nessa busca pela pureza do conteúdo intuitivo até mais do que um “mero visar”, mais do que uma adequação de uma plenitude, ele encontra a indissociação do *escutar-se falar* conjuntamente à expulsão de qualquer componente contaminado pelo mundo.

### **A contaminação do olhar**

Em *A Voz e o Fenômeno*, o filósofo franco-argelino concentra-se em uma análise dos signos – especialmente na separação entre signos expressivo e indicativo –, sugerida por Husserl na sua obra *Investigações Lógicas*. Seleção justificada, por Derrida, pelo fato do fenomenólogo ter revisitado vários conceitos no decorrer do aprofundamento de sua filosofia, embora esta separação não tenha retornado aos seus questionamentos, continuando desde então a operar em obras posteriores (DERRIDA, 2012, p. 36, nota 2). A Derrida interessa essa separação, pois aos *signos expressivos* Husserl atribui o privilégio de trazer a presença do objeto

ideal diante de si por meio de um querer dizer – quase que não mais os tratando como signos (DERRIDA, 2012, p. 48) –, podendo, então, estes significar a pureza. Ao passo que os *signos indicativos* apenas remeteriam a uma cadeia de associações entre coisas que não podem expressar um sentido, contendo referências ao mundo contaminante da expressividade, ou seja, os tais componentes signitivos. Alguns exemplos de signos indicativos que Derrida apresenta da filosofia husserliana são de ordem natural, como os *canais de Marte*, que indicariam a possibilidade de seres inteligentes, ou artificial, como a marca de giz, a inscrição de estigma etc. (DERRIDA, 2012, p. 44).

Essa distinção baseada na presença ou não presença do objeto, diz Derrida, “qualificará, simultaneamente a relação com outrem e a relação a si da temporalização” (DERRIDA, 2012, p. 44). Com isso, Derrida quer mostrar na sua leitura de Husserl que, no âmbito da comunicação com outrem, não há presença do objeto, seja porque é preciso passar pela face e corpo físico, isto é, pelas inscrições do signo indicativo; seja porque o próprio ouvinte não pode ter diante de si a presença da manifestação do vivido do falante, mas apenas uma interpretação. Para que haja, então, um sentido no discurso, é preciso romper a relação com outrem. Aqui o monólogo husserliano se apresenta como aquele no qual *escuta-se falar*: uma vez que os gestos e corpos são da ordem do mundano/indicativo, trata-se de uma expressividade que se dá por meio do discurso e, dado que a relação com outrem está suspensa, o falar da expressão torna-se um falar-se a si mesmo. E se a expressão é a linguagem que significa por percepções puras, à expressão ainda é adicionado o olhar como um *escutar-se falar olhando*: “sabe-se que o ato do querer-dizer, o que proporciona a *Bedeutung (Bedeutungsintention)*, é sempre o intento [a visada-visée] de uma relação com o objeto” (DERRIDA, 2012, p. 97)<sup>138</sup>.

Entretanto, Derrida mostra como, na linguagem, ao falar-se a si mesmo, a palavra repleta de componentes signitivos é reduzida, no *monólogo*, a uma palavra imaginada – ou como haveria a pureza da expressão? Esta quando imaginada, representada, eliminaria qualquer possibilidade de relação com sua parte física ou indicativa, e de qualquer resto que pudesse ser deixado no vivido. Mas isso, segundo o autor, acaba por ater a representação somente à expressão, como gostaria Husserl; como se a linguagem não fosse ela mesma uma representação, como se um significante (em geral) não devesse ter sua forma reconhecível a despeito de qualquer modificação de seus caracteres empíricos, que inevitavelmente ocorrem (DERRIDA, 2012, p. 57). Afirmar, pois, que o signo é já representação e a representação não é

<sup>138</sup> No original: “On sait que l’acte du vouloir-dire, celui qui donne la *Bedeutung (Bedeutungsintention)* est toujours la visée d’un rapport à l’objet” (DERRIDA, 1967, p. 100).

mais um privilégio da expressão, é vir abaixo com a separação entre signo expressivo e indicativo, idealidade e realidade.

Portanto, a escolha por um diálogo em *Memórias de Cego*, poderia ser considerada, também, em contraposição ao solilóquio husserliano, uma via da desconstrução da percepção, ou, ao menos, da proximidade a si? Para dizer que uma visão de cego é necessariamente uma relação com outrem, sem estabelecer a saída de um escutar-falar-ver do exemplo da intersubjetividade sartreana na qual o outro pode ser reduzido a um objeto<sup>139</sup>, mas revelando que esse outro irreduzível que, por meio *do olho nas pontas dos dedos* – as mãos tão indispensáveis aos cegos –, e portanto, ainda por uma certa visão, abre para uma *différance* no interior da inversão do cego que vê?

### **A piscadela de olho: cego por um não-agora**

Caso pudéssemos juntar as duas sínteses husserlianas, a expressividade como aquela linguagem possível de trazer a presença do objeto ideal a si deveria acontecer sempre no presente vivo do agora: enquanto falo, me escuto ao mesmo tempo. Ela daria significado a um objeto ideal restituído na síntese de uma série de percepções internas contínuas. Dissemos antes que o agora é repetido indefinidamente, formando desse contínuo um fluxo, no qual o *agora vivo* mais antigo passa então para uma *recordação rememorativa*:

Todo vivido é em si mesmo um fluxo do devir (...) um fluxo constante de retenções e protensões mediado por uma fase ela mesma fluída da originariedade, na qual se toma consciência do agora vivo vivido, em contraposição ao seu “antes” e ao seu “depois” (HUSSERL, 2006, § 78, p. 172).

Para discutir esse processo de modificação da percepção, Derrida (2012, p. 72) apoia-se na obra *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo* (1994), recorrendo a uma interpretação da recordação rememorativa (retenção) cuja definição não consistiria em uma percepção do agora presente. Seu argumento é de que se ainda Husserl (1994, § 17, p. 72) a nomeia percepção é para evitar confundi-la com a reprodução imaginada, levando a uma impossibilidade da produção de um fluxo. Seu oposto, com o qual forma uma passagem contínua, é na verdade a recordação primária (retenção): “recordação primária e a expectativa primária aqui surgidas são o oposto da percepção, pelo que percepção e não-percepção se convertem continuamente uma na outra” (HUSSERL, 1994, § 16, p. 71). Derrida, então, pode

---

<sup>139</sup> “Em todo olhar, há a aparição de um Outro-objeto como presença concreta e provável em meu campo perceptivo” (SARTRE, 1997, p. 359).

concluir que a não-percepção ao participar do fluxo interrompe a proximidade a si da percepção do agora-presente, esta que *escuta-se falar* sem precisar se relacionar com outrem:

A partir do momento em que se admite a continuidade do agora e não-agora, da percepção e da não-percepção na zona de originariedade comum à impressão originária e à retenção, acolhe-se o outro na identidade de si do *Augenblick*<sup>140</sup>: a não-presença e a invidência no *piscar de olho no instante*. Há uma duração do piscar de olho; e ela fecha o olho. Esta alteridade é mesmo a condição da presença (DERRIDA, 2012, p. 72).

A não presença é justamente o signo indicativo – ora, o critério de distinção entre signos expressivos e indicativos era a presença. Ele sempre esteve lá, mesmo quando se buscava eliminá-lo em vista da pureza da presença: seja pela impossível distinção entre signos expressivo/indicativo engendrada pela representação pertencente a ambos; seja pela existência de uma não-percepção necessária para a possibilidade da percepção. O fechar os olhos para ver. Um cego por um não-agora. “A linguagem fala-se, o que quer dizer *da cegueira*. Ela fala-nos sempre *da cegueira* que a constitui” (DERRIDA, 2010, p. 12). Ela fala do lugar dessa recordação que dialoga com o outro. Fala com um signo indicativo, vestígio na percepção.

### **Desconstrução da percepção em um traço**

Em *Memórias de Cego*, Derrida tinha já nos avisado que seu tema principal seria o ponto de vista. No entanto, apresentamos, primeiro, da perspectiva fenomenológica, o ponto de vista da visada de um objeto. O perfil era captado no tempo. E por meio de um ponto de vista – no tempo passado-recente em relação ao agora-presente –, o filósofo franco-argelino mostrou uma abertura para um ponto de vista cego. *Memórias de Cego* fala deste intervalo no tempo, da abertura que nunca se expõe porque nunca pode ser presente “sem por isso se dissimular, como alguma coisa, como um ente misterioso na ocultação de um não-saber” (DERRIDA, 1973a, p. 32). Fala de um ponto de vista que, sem vista nenhuma, se fia na memória para ver e numa linguagem repleta de inscrições (“indicativas”) que é a do desenho.

Um ponto de vista sem vista, o primeiro dos três impoderes<sup>141</sup> da experiência do olhar à cegueira que Derrida (2010, p. 51) intitula *aperspectiva*. Este é o impoder do ato de traçar. E para traçar é preciso não ter a vista, ou ter a visão de um cego, o que quer dizer, não ter a presença do objeto diante de si. O desenhador – e o autor pontua enfaticamente tratar de

<sup>140</sup> Como procedimento comum na língua alemã, a palavra é formada pela junção de *Augen* (olho) e *blick* (piscar), cuja conotação diária é, em geral, entendida como “num instante”.

<sup>141</sup> Para fins deste artigo, trataremos apenas dos dois primeiros: 1) *Aperspectiva* e 2) *Retraimento ou eclipse, inaparência diferencial do traço*.

desenho, não de pintura, dado que esta se debruça sobre o preenchimento da cor e não da linha – nunca tem o modelo presente quando se volta para o seu traçado. O intervalo no tempo passa a ser de um traço que ele diz proceder na noite – em contraposição à luz do dia, à luz do esclarecimento, à luz do fenômeno. Ainda que o ato apareça estar no presente, por enquanto ainda o nomeamos assim, ele nunca é um agora-presente que constitui originariamente o objeto: o traçar que procede na noite se referencia em uma memória que sobrevém ao presente – aqui, mais uma inversão –, contendo o presente o rastro de uma invisibilidade da visibilidade do objeto.

Como se daria um presente de uma consciência que vê, tendo diante de si, uma invisibilidade que não vê mais o objeto? Sem precisar se atentar a provas, pois se encarrega de desenvolver uma hipótese sem pretensão de validade teórica, Derrida apresenta textos literários, filosóficos e biográficos articulados aos desenhos a fim de elaborar suas hesitações a respeito de um certo saber do olhar. O primeiro convocado é Baudelaire porque ao narrar a atividade de desenhar de M.G, em *L'art mnémotique* (1885), remete essa invisibilidade, que acabamos de evocar, à memória. É de uma urgência que Baudelaire nos conta: a urgência de desenhar demasiadamente rápido para não perder o que se dedicou a ablação do olhar, “o medo de não ir suficientemente depressa, de deixar escapar o fantasma antes de a sua síntese estar extraída e apreendida” (DERRIDA, 2010, p. 55).

*Anamnésia*, diz Derrida. A lembrança se perfaz no traçar de uma memória que leva a um ato nunca puramente presente. Não é um presente de um agora que se tornou agora-sido – como se o modelo constituído por uma síntese perceptiva pudesse ser mantido na memória viva do vivido em favor do modelo. Não se trata de um passado que se faz presente. Mas de um passado que se antecipa ao presente por uma não-percepção, já encaminhando para a compreensão de um passado simultâneo ao presente, que podemos considerar uma antecipação do por vir.

Este último é o lugar, inclusive, das mãos na visão de cego. O cego antecipa, ante-vê. As mãos recebem o objeto antes de vê-lo, re-conhecem antes de conhecerem. Não importa o que exatamente está à sua frente e ao redor, é antes importante saber que algo está ali. “Trata-se menos de dizer o que é tal como é, de descrever ou de constatar o que se vê (percepção ou visão) do que de observar a lei para além da vista, de ordenar a verdade à dívida” (DERRIDA, 2010, p. 36). O cego visionário anteriormente citado, expressão que incita um futuro, é visionário como aquele que pode “ver além da vista”, ver mais do que o vidente. Tal acontecimento corresponde menos a uma privação da vista a um vidente do que a uma hipérbole da visão de cego.

Para dizer sobre a antecipação e a hipérbole – como um para além de um excesso não apropriável –, Derrida utiliza desenhos cuja retratação dos cegos os a-presentam como aqueles que se arriscam com as mãos à frente a fim de calcular o risco a que estão submetidos por conta da invisibilidade a qual estão destinados. Novamente uma contradição é formulada: a invisibilidade enseja a necessidade do cálculo para estabilizar o risco de não ver, enquanto o cálculo se faz na ordem do visível, já que ele é precipitação, precisão. Desse modo, vive-se o futuro pela presença. No entanto, a invisibilidade não está na presença e impossibilita a projeção. Assim, se as mãos de cego anteveem não é porque elas veem com o mesmo olhar do vidente, mas porque elas podem calcular com a visão ampliada, como se o olho estivesse nas pontas dos dedos, estes que compõem as mãos. Na sua visão ampliada, a antevisão não se propõe a eliminar o risco, ao contrário, protege-se ao mesmo tempo em que recebe o outro. O cálculo de cego não é apresentação por precipitação.

É o caso da obra *O Erro*, de Antoine Coypel. Um esboço de um único homem vendado, levemente inclinado para a frente, dando a indicar uma possível queda com todo o corpo, com a qual as mãos devem lhe proteger de um tombo maior, reconhecendo o solo antes mesmo de seu corpo inteiro se chocar com o chão? Ou desse homem que segue curioso, como diz Derrida (2010, p. 22), querendo avançar, e seu corpo inclinado deve-se à resistência que seu próprio corpo faz diante da força do vento, que o pressiona no sentido oposto, imaginado pelas roupas esvoaçantes, ante a qualquer percepção? Por que escolher entre uma das hipóteses? O que se ganha ao acertar sobre *O Erro*? A plausibilidade das duas interpretações já nos diz sobre a certeza que não teremos. O risco é desse corpo inclinado – por que não oblíquo (Cf. DERRIDA, 1973b)? –, de seu equilíbrio abalado e as mãos à frente para receber o outro. Ou seja, ao reconhecer o outro, antecipa-se em recebê-lo sem precisar conhecê-lo previamente. A inclinação do corpo diz sobre essa antecipação que nos permite ser afetado pelo outro. Uma antecipação provocada pela memória, na figura do cego, na qual a invisibilidade põe a ver já uma outra visão.

Portanto, diferentemente do que se possa compreender como um passado recente, um agora-sido, a memória não diz do que está sempre presente, precisando apenas ser notada no seu lugar de apresentação, como gostaria Husserl<sup>142</sup>. A memória diz desse lugar de suporte para a visibilidade. Se sobrevém ao presente já como por vir, não pode ser de modo consciente. Fosse consciente, a invisibilidade seria um outro visível da visibilidade, mas a invisibilidade não está

---

<sup>142</sup> Embora Husserl, em *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo* tenha assumido a recordação primária como uma não-percepção, manteve seu caráter de apresentação necessário para constituir-se elemento agregador à percepção (HUSSERL, 1994 § 17, p. 72).

em outro lugar da visibilidade. Ela é não-consciente. Encontra-se sem se encontrar nessa contradição, num intervalo do tempo: “A percepção pertence desde a origem à recordação” (DERRIDA, 2010, p. 56). O passado se dá concomitantemente ao por vir, e como presente, somente se, como dissemos, contaminado de interpretações, como aquelas do ouvinte sobre as manifestações dos vividos do outro falante. Desse modo, já não mais presente.

O vestígio estava lá. É como o desenho do amado traçado por Dibutade, uma sombra que fala dessa invisibilidade. Dibutade não pode ver seu amado e o desenha no instante do passado que se antecipa. A sombra, como um piscar de olhos, é de um passado que tenta ser recuperado assim que as pálpebras se abrirem novamente. Porém, ele não pode ser restituído exatamente como se tivesse diante de si a presença de seu amado porque uma vez esteve dele consciente e nada, desde então, se perde. Aliás, Derrida afirma, inclusive, o direito ao esquecimento, pois se há anamnésia, há amnésia (DERRIDA, 2010, p. 56). Mas o exemplo de Dibutade se encontra ainda na tentativa de recuperar o que se viu, mesmo que quando desenha com a referência da sombra não seja para restituir a figura do amado tal qual a imagem de um espelho. A deformação proposta pela sombra ocorre simultaneamente: ao mesmo tempo em que o modelo amado está posando para ela, embora não o olhe, a visibilidade participa da cena. Novamente, a invisibilidade não é uma outra visibilidade, elas ocorrem ao mesmo tempo: uma alteridade não capturável para qual a sombra nos aponta nesta relação de amor.

Agora já desenhado, o traço nunca se faz presente. Ele é invisível. Há de se notar o que o traço deixa de fora ou de dentro, mas não o próprio traço. Aliás, se o traço não se faz presente, então não há nada de próprio. “*Nada pertence ao traço*, e portanto ao desenho e ao pensamento do desenho, nem mesmo o seu próprio ‘rastro’” (DERRIDA, 2010, p. 60). O traço é um limite que não se vê. Ele se retira. Este é o segundo impoder denominado *retraimento ou eclipse, inaparência diferencial do traço* (DERRIDA, 2010, p. 59). O impoder é como o traço, não se apodera, não se apropria de nada. Sendo limite, não tem um próprio. Como uma fronteira que demarca dois espaços, põe, enquanto intervalo, uma abertura para a *différance* nesta divisão inevitável entre o que tende a se tornar visível ao espectador. O traço, sempre se dividindo, não se identifica. Na retirada a si, impulsionado por esse retraimento, aponta para um outro na sua impossibilidade de presença, na sua invisibilidade lançada pela divisão.

### **A hipótese suplementar da cega**

O traço em *Memórias de Cego* atua tal qual o signo indicativo em *A Voz e o Fenômeno*. Ambos desconstroem a percepção porque contaminam a pureza de um presente, ao mesmo

tempo em que não podem ser por si só identificados. Operam no *intervalo* do tempo e da espacialidade entre as inversões hierárquicas da visão sugeridas pela desconstrução. Por isso, também, o título dado a esse artigo não mantém o status social de rei conferido ao vidente na expressão popular. Na inversão, o cego passa a ver, enquanto indica um vidente que não vê, mas sabemos, ao final, que a cegueira é condição de possibilidade do vidente. Contamina a todos e todas. Portanto, “Em terra de vidente, quem é cego é quem vê”, coube, no cuidado da inversão, não apenas trocar os elementos de lugar, mas retirar a hierarquia, ou melhor, desconstruí-la.

Entretanto, se a cegueira é condição de todos e todas, porque não é a cega que vê? Porque não é da cega que falamos nessa inversão diferida, uma vez que o sujeito universal sempre é do homem "europeu(s) adulto(s) macho(s) branco(s) carnívoro(s) e capaz(es) de sacrifício" (DERRIDA, 2007, p. 36, interpolação minha). Em alguma medida, ou melhor, sem medida, Derrida esteve todo o tempo falando da cega, não como uma simples inversão que pode retornar com maior violência dentre os pares opostos. Para Derrida, atentar para a ausência de “grandes cegas” na nossa tradição nunca foi uma terceira hipótese – como algo à parte – mas constitutiva: uma hipótese que excede para então suplementar (DERRIDA, 2010, p. 13, nota 1), pois a origem do desenho condensada em Dibutade denuncia ser uma mulher a primeira desenhista.

Ainda que na gramática francesa não seja possível distinguir o cego da cega, diante da neutralidade do termo “l’aveugle”, a desconstrução pretende inscrever o inaudível. Se não foi denominada como cega, é também porque não é pela alteração sentida na fala que Derrida inspira mudança, mas na escrita – e no caso utilizado nesse artigo, trata-se do mundano, ainda que este não consista numa pura empiria. A alteridade, neste caso, inscreve-se nessa abertura: pelo traço, pelo signo indicativo. Estes não são apelos para uma simples inversão, mas para uma inversão diferida. Isso quer dizer que, ao sair da submissão de um objeto sempre presente diante de si, a diferença sexual está em questão. Um dos exemplos de Derrida é “O Retrato de Gertrude Stein”, escritora que pousou para Picasso por oito vezes e este lhe confessa: “*Quando vos vejo, não vos vejo*”. Afirmação que interpreto como a inacessibilidade da alteridade do objeto em presença ou a impossibilidade da alteridade enquanto um objeto em presença. Picasso, então, retorna à Espanha e a retrata: é diante da invisibilidade que pode vê-la como um cego que vê além. Na sua posição de vidente, ele era enceguecido por sua visão apropriadora. Ela então pode devolver como resposta: “*Vejo-me eu então, finalmente, a mim*” (DERRIDA, 2010, p. 71).

Gertrude Stein, retratada, sem estar presente, pode, *finalmente*, ver a si mesmo sem se tornar objeto do outro. Ela nos diz da mulher como memória, que pode ser até mesmo esquecida, mas que contamina o presente, sem ser ela mesmo presente, porém nunca ausente: aquela que sempre esteve lá antes de ser apropriada, antes da propriedade<sup>143</sup>.

## Referências

- BAUDELAIRE, Charles. *L'art mnémonique*. In: *L'art romantique*. Paris: Calmann Lévy, 1885.
- DERRIDA, Jacques. *A voz e o fenômeno: introdução ao Problema do Signo na Fenomenologia de Husserl*. Trad. Maria José Semião e Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Memórias de Cego: o auto-retrato e outras ruínas*. 1ed. Trad. Fernanda Bernardo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Positions*. Trad. Alan Bass. Chicago: The University of Chicago, 1981.
- \_\_\_\_\_. “A diferença”. In: *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS Editora, 1973a.
- \_\_\_\_\_. “Timpanizar – a filosofia”. In: *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Porto: RÉS Editora, 1973b.
- \_\_\_\_\_. *La voix e le phénomène: introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl*. Paris, PUF, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Investigações Lógicas: sexta investigação*. In: *Os Pensadores*. v. XLI. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Trad. Pedro S. M. Alves. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.
- MICHAUD, Ginette. “(Sem) desígnio – o desenho”. In: *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, volume 22, nº 43, p. 71-122, março de 2013.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Crítica da razão na fenomenologia*. São Paulo: Edusp, 1989.

<sup>143</sup> Para uma discussão sobre a anterioridade da mulher-feminino em relação à propriedade cf. PIAZZOLLA 2021; 2024.

PIAZZOLLA, Mariana Di Stella. O silêncio necessário para o recolhimento: a mulher no limiar entre ser e não-ser. In: *Cadernos de Ética e Política*, v. 39, n. 2, p. 118-129. 2021.

\_\_\_\_\_. Expropriação do feminino: uma nova maneira de habitar. In: *Revista Ítaca – Dossiê Derrida*, vol. II, n. 41, p. 87-104. 2024.

SARTRE, J. P. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.